

Aprendizagem Solidária

Por Isabella Alchorne¹ e Sofia Carvalho²

O termo *service-learning* foi usado por Robert Signon e Willam Ramsey, entre os anos de 1966 e 1967, nos EUA. Apesar disso, percebe-se, desde o começo do século XX, que há experiências em diferentes lugares do mundo com o mesmo preceito: agir solidariamente diante do seu contexto social.

No século XIX, nos EUA, criou-se o conceito de voluntariado comunitária no decorrer da formação dos estudantes. John Dewey é reconhecido como aquele que foi um dos pioneiros a abordar a aprendizagem solidária em termos pedagógicos, porque foi o autor da pedagogia de voluntariado comunitário. Na América Latina as raízes da aprendizagem solidária são distintas e complexas.

Isto é, a aprendizagem solidária nasce de uma experiência empírica e, só posteriormente, ela é refletida e sistematizada numa teoria. Por isso, ela existe em diferentes lugares do mundo com diferentes nomes, sem ter um marco inicial ou um país pioneiro.

No Brasil, a Rede Brasileira de Aprendizagem Solidária foi criada somente em finais de 2017, com foco em alcançar mais instituições educativas, educadores, associações; assim como, de identificar quais práticas e experiências educativas estão enquadradas na pedagogia de aprendizagem solidária e, que por vezes, desconhecem que existe uma reflexão teórica sobre aquele fazer pedagógico. Com isto, queremos salientar que o que será mencionado neste artigo/e-book, se refere à aprendizagem solidária voltada à educação, porém ela pode ser praticada e encontrada em diversos lugares.

¹ Isabella Alchorne é brasileira, advogada criminalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (dezembro/2016). Quando estagiou na Defensoria Pública da Infância e Juventude, percebeu a importância de se dedicar ao jovem e à uma educação verdadeiramente transformadora. Co-fundou o Movimento Futuro, tornando-se Arquiteta de Sonhos em 2018. Também naquele ano, iniciou os estudos de Licenciatura em Pedagogia, no Instituto Singularidades.

² Sofia Carvalho nasceu em Portugal e é graduada em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto – Portugal (abril/2011). Por três anos, desenvolveu um trabalho com moradores de rua, quando percebeu a importância de sonhar. Em 2014, se mudou para São Paulo – Brasil – iniciando o projeto o Movimento Futuro, tornando-se Arquiteta de Sonhos no ano seguinte. Em 2018, co-fundou a Associação Movimento Futuro. Em junho de 2019, completou a Licenciatura de Pedagogia pelo Instituto Singularidades.

1. O que é Aprendizagem Solidária?

A aprendizagem solidária poderia definir-se como uma proposta pedagógica que permite aos alunos desenvolverem seus conhecimentos e competências por meio de uma prática de serviço solidário à comunidade. (CLAYSS, 2019).

O serviço solidário acontece quando o serviço é destinado a atender de forma efetiva e eficaz as necessidades reais da comunidade, um serviço realizado com a comunidade e não para ela; protagonizado ativamente pelos estudantes desde o planejamento até a avaliação; e articulada intencionalmente com os conteúdos de aprendizagem curriculares.

Três grandes características de uma prática de aprendizagem solidária:

1. Serviço solidário

Para que exista uma prática de aprendizagem solidária efetiva, é necessário um diagnóstico dos problemas reais. Para isso, é fundamental que os estudantes sejam protagonistas na identificação dos problemas que existem na sua comunidade e/ou seu entorno. Os estudantes precisam dividir o papel de protagonista com a comunidade, pensando em conjunto, sobre quais problemas existem e como resolvê-los, ou seja, o serviço solidário é com a comunidade e não para ela. Esta relação precisa ser horizontal, em que ambos participam ativamente nos processos de diagnóstico, planejamento, execução e avaliação.

Assim, o “serviço solidário” é entendido como um compromisso social vinculado às transformações necessárias à comunidade na busca por uma sociedade mais justa. Por isso, ele é um conceito mais arrojado do que um “serviço” que se limita a uma boa vontade ou a benevolência (caridade). (CLAYSS, 2019)

2. Protagonismo estudantil

Como referido anteriormente, o protagonismo estudantil é crucial. Isto significa envolver os estudantes em todas as etapas do processo, com uma voz ativa, que faz sugestão, emite opinião, dialoga e reflete com a comunidade e com a equipe de professores/ direção. O protagonismo também possibilita o empoderamento dos estudantes, para que escutem diferentes pontos de vista, ou seja, é uma liderança colaborativa, em que se compartilha a gestão das atividades, desenvolvendo um processo de múltiplas aprendizagens e de uma formação integral.

3. Aprendizagens intencionalmente planejadas e articuladas com a atividade solidária

Nos projetos de aprendizagem solidária, o protagonismo dos professores também é fundamental, uma vez que são eles que permitem o protagonismo estudantil e facilitam o serviço solidário, interligando currículo e solidariedade.

Os projetos de aprendizagem solidária precisam articular saberes disciplinares e multidisciplinares com a realidade, para que os estudantes possam compreender os problemas sociais à luz do que aprenderam nos componentes curriculares. Assim, simultaneamente, os estudantes desenvolvem habilidades cognitivas, competências socioemocionais previstas na BNCC e essenciais no mundo do trabalho; e resolvem problemas reais da sociedade.

Como saber se o projeto é de aprendizagem solidária?



Como podemos ver no quadrante acima, existem quatro tipos de experiências educativas solidárias.

1. Estudos de campo/Pesquisas: são atividades de investigação e prática que colocam os estudantes em contato com a realidade da sua comunidade, mas a consideram um objeto de estudo. Elas permitem praticar e articular conhecimentos e habilidades em contextos sociais, mas sem propor uma transformação, e, muito menos, uma construção de vínculo solidário. O principal destinatário é o estudante e a ênfase está colocada na aquisição de aprendizagem e o contato com a realidade é meramente instrumental.

Em suma, as pesquisas e estudos são muito tradicionais na escola. Elas permitem que os estudantes façam um mergulho teórico profundo, porém, elas não têm como objetivo que essa pesquisa se transforme em uma devolução para a sociedade, em forma de proposta de resolução de problemas reais. Por exemplo, o estudo sobre micróbios no laboratório da escola.

2. Assitencialismo/Ação pontual: trata-se de ações promovidas e organizadas separadamente com escassa articulação com os conteúdos escolares curriculares, focando no assistencialismo. São pontuais, se executam em curto espaço de tempo e não são planejadas institucionalmente. O principal destinatário é a comunidade beneficiada. A participação é voluntária e não se avalia nem formal, nem informalmente o grau de participação dos estudantes, nem as aprendizagens desenvolvidas.

Podemos encontrar esta prática nas escolas nas doações de brinquedos, nas caixas de comida que são posteriormente encaminhadas a organizações da sociedade civil, assim como na doação das roupas que não cabem mais nas crianças. Estas ações são importantes e visam a satisfação de uma necessidade básica emergencial. Porém, os estudantes não articulam com o currículo, não dialogam com o destinatário da ação e, por isso, ela não apresenta uma aprendizagem significativa para o estudante, uma vez que se vincula a uma prática de caridade, uma solidariedade vertical, em que um doa e um recebe.

3. Projetos que visam o bem-estar social: essas atividades formam parte explícita da oferta institucional, assumidas com a decisão de promover a solidariedade, o compromisso social e a participação cidadã. São de caráter voluntário ou obrigatório, mesmo que nem sempre se integrem com os conteúdos disciplinares. A ação solidária se sustenta no tempo e costuma ter impactos no desenvolvimento pessoal dos estudantes, mas ocorre paralelamente à formação acadêmica.

São exemplos o voluntariado mensal numa instituição com animais abandonados ou criar periodicamente ações recreativas com crianças institucionalizadas. Este tipo de voluntariado prevê um relacionamento próximo com a comunidade, permite a existência de uma solidariedade,



por ter um vínculo institucional periódico. Ela não é tão comum nas escolas de educação básica, podemos encontrá-la com mais força nos universitários e adultos.

4. Aprendizagem solidária: implica no desenvolvimento de ações solidárias enquadradas institucionalmente e destinadas a atender necessidades reais e sentidas por uma comunidade, articuladas com conteúdos de aprendizagem curricular e protagonizadas pelos estudantes.

Conclusão

A aprendizagem solidária é uma revolução educacional, no sentido em que promove uma articulação dos competentes curriculares com o “mundo fora da escola”. Muitas vezes escutamos estudante e, não só, referirem que aprendem conteúdos na escola que “não servem para a sua vida”. A aprendizagem solidária permite que os estudantes articulem esse conteúdo com a sociedade, promovendo uma aprendizagem mais significativa e, conseqüentemente, um mundo mais empático. O estudante se percebe como uma parte protagonista da sociedade, desenvolve mais significativamente os seus conhecimentos curriculares e se prepara de forma consciente para o mundo do trabalho.

Neste sentido, seria crucial que educadores, gestores, estudantes, mas também famílias e sociedade, pudessem conhecer esta pedagogia para que a escola do século XXI seja cheia de significado e transformação. Para isso, é importante investir na formação continuada dos professores para que aprendam a protagonizar os estudantes e a relacionar realidade/problemas reais com a sala de aula. Porém, para que aprendizagem solidária seja uma realidade no Brasil, precisamos que sociedade perceba a sua importância e revolução.